

Entre o movimento e o confinamento: trajetórias de (i)mobilidades de jovens envolvidos no mercado varejista de drogas

Between movement and confinement: trajectories of (i)mobilities of young people involved in the retail drug market

Kharine Gil^a , Palloma Valle Menezes^b 

Resumo No presente artigo, exploramos as relações entre mobilidade, crime e identidade, a partir das trajetórias de Lucas e Marcos, dois jovens que entraram para o comércio varejista de drogas durante a adolescência. Analisamos como o envolvimento com o tráfico limita as mobilidades pela cidade, impactando suas rotinas, possibilidades de lazer e construção identitária. O objetivo deste trabalho é observar as (i)mobilidades físicas que fazem parte da vida desses jovens. O estudo está organizado em quatro partes: na primeira, contextualizamos o ingresso de Lucas e Marcos no crime; em seguida, apresentamos como a facção é uma forma de vida que demanda lealdade e pertencimento, ao mesmo tempo que impõe restrições à circulação; na terceira parte, analisamos como o lazer está inserido na rotina desses jovens; ao final, vimos como a saída no crime pode representar ou não um aumento na mobilidade.

Palavras chave Tráfico de drogas. Mobilidade urbana. Acesso à cidade. Crime. Juventude.

Abstract *In this article, we explore the relationship between mobility, crime and identity, based on the trajectories of Lucas and Marcos, two young men who entered the retail drug trade during their teenage years. We analyze how their involvement with drug trafficking limits their mobility around the city, impacting on their routines, leisure possibilities and identity construction. The aim of this work is to observe the physical (i)mobilities that are part of these young people's lives. The study is organized into four parts: in the first, we contextualize Lucas and Marcos' entry into crime; then, we present how the faction is a way of life that demands loyalty and belonging, while at the same time imposing restrictions on movement; in the third part, we analyze how*

a Doutoranda em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). E-mail: kharinedantas@gmail.com

b Professora adjunta do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). E-mail: palloma.Menezes@iesp.uerj.br

leisure is inserted into the routine of these young people; at the end, we see how leaving crime may or may not represent an increase in mobility.

Keywords *Drug trafficking. Urban mobility. Access to the city. Crime. Youth.*

INTRODUÇÃO

E teve um episódio que na rua, uma vez em um roubo, eu quase fui pego pela polícia. E aquilo ali despertou algo na minha mente. De que? De que na rua era mais perigoso de eu ser preso. Então aquilo me gerou um certo medo, então me tirou dessa zona da rua. E aí o que que eu fiz? Então eu acho que em cima do morro talvez possa ser mais fácil pra mim. Talvez possa ser mais prático e mais seguro também. Então foi aí que eu comecei a me aliançar com a rapazeada do tráfico mais ainda, do morro mais ainda. (Trecho retirado de entrevista com Marcos, 2023)

Sob uma lógica de segregação e violência, as favelas e periferias do Rio de Janeiro frequentemente são estigmatizadas como espaços que concentram “criminosos” (Leite, 2012), gerando como consequência que moradores desses territórios sejam culpabilizados pelos conflitos urbanos que ocorrem na cidade (Machado da Silva; Menezes, 2019). Nos últimos anos, diferentes favelas cariocas têm convivido cotidianamente com a possibilidade iminente de episódios violentos, como tiroteios, operações policiais e disputas entre grupos armados territorializados. Isso provoca em quem mora nessas áreas profunda aflição e medo, e ocasiona uma experiência de confinamento social e político (Machado da Silva, 2008).

Em resumo, os confrontos que existem em favelas dificultam e até mesmo impedem o “o desfrute regular e continuado da liberdade elementar de ir e vir” (Machado da Silva, 2008, p. 14), constituindo a experiência de “viver sob cerco”. A violência desorganiza a sociabilidade dos moradores de favelas e periferias e atrapalha suas interações sociais e rotinas cotidianas, produzindo um isolamento socioterritorial. No presente artigo, pretendemos analisar como essas experiências também são vivenciadas por jovens que trabalham no comércio varejista de drogas carioca. Ainda que os grupos armados colaborem para a experiência de cerco¹, em alguma medida seus membros também são afetados por esse modelo de confinamento.

1 O “cerco” nas favelas é produzido tanto pela polícia quanto pela presença ostensiva de grupos armados. A ação desses atores nos territórios gera confrontos entre comandos rivais ou operações policiais, atingindo negativamente os moradores locais, que têm suas rotinas interrompidas

O “movimento”, como é popularmente designado o tráfico de drogas carioca, constitui redes relativamente organizadas de grupos armados territorializados que controlam favelas, morros, vilas e conjuntos habitacionais da cidade (Misse, 1999). Com identidades e códigos de conduta próprios, muitos jovens que ingressam no “movimento” se deparam com dinâmicas de (i)mobilidades em suas trajetórias. O ingresso no mundo do crime provoca mudanças significativas em suas rotinas, relações sociais e acesso à cidade. Um dos impactos mais marcantes são os tiroteios, cuja iminência gera uma antecipação por parte daqueles que podem ser afetados, levando à adoção de rotinas baseadas na avaliação e na evitação de riscos (Cavalcanti, 2008). A vida de quem está inserido no mercado de drogas ilegais é atravessada por demarcações geográficas e faccionais, que regulam sua circulação pelo espaço urbano, distinguindo os locais e regiões que podem ou não estar.

Assim, seu dia a dia precisa ser organizado com o objetivo de evitar a prisão ou entrar em novos confrontos. Por este motivo, no presente trabalho observamos como a inserção no mundo do crime está vinculada à questões de mobilidade urbana. A segmentação das facções e o acirramento das disputas territoriais impactam diretamente no aumento da violência no Rio de Janeiro, e a consequência do domínio territorial por esses grupos limita as possibilidades de circulação e acesso à cidade para seus membros.

Analisamos essa relação a partir do relato de dois jovens que atuavam no comércio varejista de drogas em favelas do Rio de Janeiro. Ambos ingressaram no crime durante a adolescência e residem em favelas ocupadas pelo Comando Vermelho, na Zona Sul da cidade². Importante enfatizar que Aquino e Hirata (2018) apontam que pesquisas de cunho etnográfico que estudam crime e violência possuem um ganho imensurável quando a perspectiva nativa é levada a sério, pois proporcionam análises com menos adjetivações ou possíveis julgamentos. Ainda que este estudo não seja uma etnografia, buscamos compreender o ponto de vista dos interlocutores, inclusive fizemos questão de reproduzir algumas categorias nativas por eles utilizadas, como “bandido”, “traficante” e “tráfico de drogas”, mesmo que compreendamos que existem outras expressões que podem definir tais termos de forma mais precisa.

Por meio das entrevistas, percebemos como a mobilidade está profundamente atrelada às suas trajetórias de vida. Ambos residem em bairros próximos a praias, pontos turísticos, museus e eventos culturais, mas, durante o período em

com frequência, e sofrem, por exemplo, dificuldades para ir ao trabalho em dias de tiroteio ou são vítimas de bala perdida.

2 Ladeira dos Tabajaras e Santa Marta.

que atuavam no comércio de drogas, não tinham a liberdade de frequentar esses espaços. Mesmo nos dias mais quentes do verão, com a praia a menos de 5 km de suas casas, sentiam-se impedidos de descer do morro para tomar banho de mar. Suas rotinas eram marcadas diariamente pelas mesmas ações: acordar cedo, sair de casa e ir para a “boca de fumo” trabalhar. Em suas narrativas, relataram que, devido aos riscos de conflitos com grupos rivais ou de serem pegos pela polícia, passaram a evitar circular por grande parte da cidade, restringindo-se aos morros onde viviam como um dos poucos locais seguros para estarem. Essa limitação espacial reforçou o isolamento, impedindo-os de transitar livremente para além desses territórios.

Nos últimos anos, uma parcela significativa dos estudos sobre violência (Machado da Silva; Leite, 2008; Farias, 2008; Machado da Silva; Menezes, 2019; Carvalho; Rocha; Motta, 2023) tem se dedicado a investigar as novas dinâmicas dos conflitos urbanos. Grande parte dessas pesquisas concentra-se na análise da rotina de moradores de favelas, buscando compreender como o direito de ir e vir é afetado pela violência local. No entanto, ainda que o debate sobre a mobilidade apareça lateralmente nesses estudos, ainda não assume um lugar central. A partir dessa análise, nosso objetivo é contribuir para a discussão propondo novos enfoques na forma como a questão vem sendo enquadrada até então. Para isso, tomamos como referência o ponto de vista de indivíduos que estão (ou estiveram) envolvidos com o comércio de drogas, descentralizando a perspectiva apenas dos moradores locais. Essa abordagem busca ampliar o entendimento sobre como a mobilidade é afetada não apenas para os moradores das favelas, mas também para aqueles que participam ativamente das dinâmicas do tráfico, oferecendo uma visão mais abrangente e complexa da questão.

Vale destacar que, embora a mobilidade seja frequentemente associada à circulação física dos indivíduos (mobilidade espacial) ou ao processo de ascensão e declínio socioeconômico (mobilidade social) (Silva et al., 2016), o início do século XXI provocou uma virada teórica conhecida como a “virada das mobilidades” ou *new mobilities paradigm* (Urry, 2007). Essa mudança teórica permitiu que outros temas ganhassem destaque no campo de estudos sobre mobilidade, como a circulação de pessoas, coisas e ideias, oferecendo uma nova forma de analisar as relações contemporâneas (Alves, D’antona, Marandola Junior, 2020). É importante ressaltar que essa virada analítica também está associada a uma compreensão política que engloba tanto os estudos tanto das mobilidades quanto das (i)mobilidades (Pinto, 2020).

Outra contribuição analítica relevante para esta pesquisa é a de “mobilidades desiguais” (Sheller, 2018), que reconhece os limites e regulações que controlam as mobilidades, entendendo que algumas pessoas têm mais autonomia sobre seus movimentos do que outras. Em vez de pressupor que todos desfrutam igualmente da liberdade de locomoção, essa abordagem parte do princípio de que há uma profunda desigualdade na capacidade de mobilidade. A liberdade de movimento de alguns muitas vezes depende da exploração e do controle sobre os corpos e os movimentos de outros. Ao andar (ou evitar andar) pela cidade, as pessoas passam a ter consciência de que várias questões influenciam seus deslocamentos. A partir disso, é gerada uma série de artifícios e estratégias que possibilitam que cada indivíduo negocie seu lugar na dinâmica das mobilidades urbanas. Assim, argumentamos ao longo do artigo como a participação no tráfico de drogas restringe a mobilidade dos jovens, tanto física quanto simbolicamente, e como a saída do crime abre novas possibilidades de circulação, mas também revela desigualdades sociais e raciais que continuam a afetar suas vidas.

TRAJETÓRIAS URBANAS NO CRIME

Lucas e Marcos³, os dois jovens entrevistados para esta pesquisa, ingressaram no mundo do crime entre 2014 e 2015. Lucas, morador da Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, tinha 22 anos na época da entrevista⁴. Ele começou a atuar no tráfico em 2014 como olheiro, período em que também abandonou a escola, onde cursava a sexta série do ensino fundamental. Após alguns anos, conseguiu ascender ao cargo de gerente geral de uma boca de fumo da favela.

Marcos, residente no Santa Marta, favela localizada em Botafogo, parou de estudar aos 12 anos, e passou cerca de um ano se aproximando e observando traficantes locais, com o objetivo de aprender sua atuação e ingressar no crime. Pouco tempo depois, foi convocado a trabalhar como olheiro e, posteriormente, alcançou o cargo de gerente responsável por toda a maconha de R\$2,00 vendida no morro. Na época da entrevista, Marcos tinha apenas 20 anos.

³ Nomes fictícios.

⁴ As entrevistas foram realizadas entre 2022 e 2023.

Tabela 1. Perfil dos entrevistados.

	Entrevistado 1	Entrevistado 2
Nome	Lucas	Marcos
Idade que entrou para o crime	14 anos (2014)	12 anos (2015)
Local de trabalho	Ladeira dos Tabajaras, Zona Sul do RJ	Favela Santa Marta, Zona Sul do RJ
Facção a qual fazia parte	Comando Vermelho	Comando Vermelho
Ano de saída do tráfico	2022	2020
Profissão atual	Realiza “bicos”	Corretor de imóveis

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Embora estejam em contextos distintos, as histórias de Lucas e Marcos apresentam diversos pontos em comum. As duas favelas onde residem foram ocupadas por Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) e são dominadas pelo Comando Vermelho. Suas trajetórias de trabalho também se assemelham no que diz respeito às funções exercidas, já que ambos percorreram diversos cargos na hierarquia do tráfico, iniciando como olheiros e ascendendo ao posto de gerentes. Além disso, relataram experiências semelhantes em relação à mobilidade pela cidade, evitando circular por diversos espaços em razão da participação no crime. Inicialmente, o propósito das entrevistas era compreender a inserção de crianças e adolescentes no mercado de drogas ilegais, e a mobilidade urbana não era um tema central na conversa. Entretanto, Lucas e Marcos relataram inúmeras situações em que o deslocamento pela cidade gerava preocupação, enfatizando os motivos pelos quais evitavam circular nas ruas.

Uma das diferenças mais expressivas entre a vivência dos dois jovens é que Lucas esteve privado de liberdade por quatro anos. Aos 18 anos, foi preso pela primeira vez e ficou detido por dois anos. Logo após ser solto, foi preso novamente e passou mais dois anos encarcerado. Na época da entrevista, havia apenas um mês que ele havia saído da prisão e relatou que, por conta disso, decidiu se afastar das atividades na boca de fumo. A partir dos relatos, observamos que a possibilidade de ser preso é um dos principais fatores que limitam a mobilidade dos jovens que participam do tráfico de drogas. O medo de ser abordado pela polícia dificulta a circulação pela cidade, fazendo com que evitem ir à praia ou visitar familiares, por exemplo. A rivalidade entre grupos armados e a iminência dos conflitos também contribuem para que concentrem suas atividades na favela onde trabalham e residem.

Vale destacar que o controle do trânsito e da circulação afeta não apenas os envolvidos no tráfico, mas também os moradores das favelas dominadas por facções. Farias (2008) argumenta que essa situação gera uma espécie de “asfixia”, representada por dispositivos de controle sobre quem reside nesses locais. A presença

ostensiva do tráfico nessas regiões cria fronteiras que delimitam o domínio territorial das diferentes facções, estabelecendo “regras invisíveis” que determinam onde os moradores podem ou não circular, além de proibições relacionadas ao uso de gírias, cores de cabelo, marcas de roupas etc. Apesar disso, mesmo os membros do comércio varejista de drogas são afetados por essas restrições, especialmente no que diz respeito à circulação pelas fronteiras do espaço urbano.

Recentemente, símbolos, gestos e marcas apropriadas por facções no Ceará, no Nordeste do Brasil, resultaram na morte de adolescentes que foram confundidos com membros de grupos vinculados ao tráfico de drogas. Entre 2019 e 2024, dois adolescentes foram executados após criminosos verificarem seus celulares e identificarem em fotografias gestos, como o “V” e o número “3” com os dedos, que remetem a símbolos faccionais. Um terceiro adolescente foi morto por ter três cortes na sobrancelha, marca que também está associada a uma facção.⁵

No que se refere à mobilidade urbana, a posição ocupada na hierarquia do crime influencia diretamente as possibilidades de circulação pela cidade. Na base da hierarquia estão os olheiros, responsáveis por monitorar os pontos estratégicos da favela e alertar sobre a presença da polícia ou de facções rivais. Em seguida, há os “vapores”, encarregados de realizar as vendas das drogas. O próximo cargo é o de gerente, responsável por uma boca de fumo específica, ou gerente geral, responsável por várias bocas de fumo.⁶ No topo da hierarquia está o “dono do morro”, chefe responsável por todo o controle do tráfico de drogas na favela.

A partir dos relatos de Lucas e Marcos, percebemos que os cargos mais baixos, como olheiros, “aviões”, “vapores” e gerentes, enfrentam maiores restrições de mobilidade. Por outro lado, Lucas destacou que os donos do morro podem “curtir a vida sem se preocupar com problema”, podendo até mesmo migrar para outros países. Ele relatou:

No meu modo de pensar, que eu já vivi muito tempo maneiro no crime, a maioria dos dono de boca acho que não vive no Brasil, eles não são burro, os burro é nós que fica aqui se matando por eles, eles não ficam aqui cara, cheio do dinheiro, milhões, vai fazer o que aqui? É Japão, Chile, vai pra onde quiser, pô. [...] Tipo assim, por isso que eu acordei pra vida do crime, por isso, porque nós perde a

5 Marcas e gestos manuais: como símbolos apropriados por facções causaram mortes de adolescentes no Ceará. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2025/01/02/marcas-e-gestos-manuais-como-simbolos-apropriados-por-faccoes-causaram-mortes-de-adolescentes-no-ceara.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2025.

6 Marcos, por exemplo, era gerente geral da maconha de R\$2,00 que era vendida em todas as bocas de fumo da Favela Santa Marta.

nossa vida pra uma pessoa que não tá nem aí pra nós cara. (Trecho retirado de entrevista com Lucas, 2022)

Esse relato evidencia as contradições na dinâmica do mercado ilegal de drogas. Enquanto os “donos” possuem uma mobilidade mais ampla, podendo circular até mesmo fora do país, os membros de cargos mais baixos enfrentam restrições significativas. Contudo, a questão da mobilidade no crime não se limita apenas à circulação física, mas também envolve aspectos subjetivos, como expectativas, medos e receios em circular. Além disso, as (i)mobilidades não se restringem ao movimento corporal, mas também com outras formas de fluxos e movimentos simbólicos. Ainda que no crime a mobilidade física seja permeada por inúmeras fricções, existem outras formas de mobilidade que podem ser notadas. Existe um fluxo constante de mudanças nas funções ocupadas dentro da hierarquia de trabalho. Para além da mobilidade espacial, de tempos em tempos são assumidas novas funções, responsabilidades e trocas de cargo. A ascensão na carreira, por exemplo, pode ser vista como uma forma de uma mobilidade social, ainda que tenha riscos e limitações.

No caso de Marcos, sua trajetória no tráfico de drogas esteve sempre vinculada à segurança de circular pela cidade. Ele relatou que seus primeiros crimes foram furtos em uma loja da Americanas. Nesse período, passou a observar um grupo de jovens da favela que roubava bicicletas e celulares nas ruas. A forma como esses meninos ganhavam dinheiro chamou sua atenção, e ele passou a faltar às aulas da escola para acompanhar o grupo nos roubos e prender o *modus operandi* dos assaltos. Grillo e Martins (2020) apontam que, para haver eficácia nos roubos, é preciso reduzir a margem de imprevisibilidade da atividade, desenvolvendo técnicas para circular pela cidade de forma a evitar problemas com a polícia, escolher vítimas e locais adequados, e realizar a subtração dos bens de maneira ágil e rápida. Era essa a técnica que Marcos queria aprender.

Quando começou a assaltar, os itens subtraídos por ele e seus amigos eram vendidos para o tráfico de drogas local, o que gerou aproximação com os membros da facção. Após um episódio em que quase foi preso, Marcos percebeu que havia grandes riscos de ser preso caso continuasse assaltando na rua, e que talvez trabalhar apenas dentro da favela seria mais seguro. Ele relatou:

Então aquilo foi me chamando atenção e eu vi que verdadeiramente aquilo pra mim era mais seguro, era mais fácil, era mais prático. E o que que encheu os meus olhos? Que foi a luxúria, foi a vaidade, foi o dinheiro, foi o poder, né. Isso

tudo que tava sendo semeado no meu coração, né. [...] E aí após esse um ano que eu fiquei observando e aprendi muita coisa e tal, foi aí que eu armei um compromisso com o próprio tráfico de realmente trabalhar dentro do tráfico. E aí eu comecei como vigia dentro do tráfico de drogas, comecei como vigia, eu era vigia lá da parte de cima do morro. (Trecho retirado de entrevista com Marcos, 2023)

Grillo e Martins (2020) destacam que o ato de roubar coloca o assaltante em uma posição mais exposta e desprotegida do que o traficante, tendo em vista que o ladrão está fora de sua zona de conforto para praticar os roubos e enfrenta maior imprevisibilidade durante os roubos. As autoras argumentam que as interações são mais previsíveis no tráfico do que durante um assalto, o que demonstra como a mobilidade atravessa diferentes camadas no mundo do crime, a depender da atividade realizada. Em razão disso, Marcos decidiu parar de assaltar e por aproximadamente um ano ficou apenas ajudando, realizando favores e observando a venda de drogas no Santa Marta. Assim que aprendeu a como agir, tornou-se olheiro do tráfico de drogas.

FACÇÕES, MOBILIDADES E IDENTIDADE

Como bem destaca Grillo (2013), o crime, enquanto categoria, não se resume a uma simples infração penal, mas representa a “substancialização do contexto em que se inscrevem uma série de práticas ilegais e trajetórias pessoais”. Na linguagem nativa, o crime denota tanto um universo de ação e significação - o mundo do crime -, bem como um estilo de vida - a vida no crime” (Grillo, 2013, p. 1). Dessa forma, o crime pode ser entendido como uma forma de vida. Segundo a autora, a categorização da vida no crime vai além de uma mera descrição do comércio de drogas ou de atividades ilegais, abrangendo aspectos mais amplos da existência dos indivíduos envolvidos. Nesse sentido, qual é a função da facção na vida dos jovens que atuam no mercado de drogas ilícitas? Como a mobilidade suas mobilidades são afetadas pelos grupos armados territorializados?

O pertencimento a uma facção, como destacado por Lucas, é um fator que restringe significativamente a mobilidade dos jovens envolvidos no tráfico. Seus deslocamentos são demarcados por territórios que podem ou não ser acessados, dependendo do grupo que domina o local. Em tese, esses jovens podem transitar por qualquer espaço, mas seus movimentos são condicionados pela avaliação dos riscos e pela percepção de segurança. Damico e Meyer (2010) ressaltam que o compartilhamento de experiências comuns, como a violência policial e o racismo, contribui para a formação de identidades coletivas entre os jovens. À medida que

vivenciam experiências semelhantes, criam um senso de pertencimento a uma comunidade ou grupo específico. Como Lucas afirma:

Tu fez um pacto com a facção, é tipo um pacto mano, tá ligado? Ali é teu sangue mano, tua vida. Tipo assim, tu não pode negar tua pátria. É o que eu falo, o crime é muito cruel, é muito covarde, entendeu? (Trecho retirado de entrevista com Lucas, 2022)

Essa fala ilustra como o vínculo com a facção pode ser percebido como uma questão de honra e até mesmo de sobrevivência. Damico e Meyer (2010) argumentam que a identidade não é algo fixo ou acabado, mas um processo em constante construção. Hall (2006) complementa essa ideia ao propor que, na pós-modernidade, existe o surgimento de novas identidades, pois o indivíduo moderno e sólido é desagregado e maleável, não se restringindo a categorias determinadas, mas incorporando novas dimensões, como classe, raça e gênero. No contexto do crime, a identidade compartilhada com um grupo local, como aponta Dowdney (2004), nem sempre é voluntária, mas muitas vezes imposta.

Grillo (2013) argumenta que o vínculo com a facção envolve uma relação de fidelidade incondicional ao “dono do morro” ou ao “dono da boca” que, em troca, oferece responsabilidades, confiança e proteção. Para muitos jovens, a facção e a favela são entidades entrelaçadas, partindo de uma existência mútua. Essa relação de propriedade e lealdade cria um contrato relacional que impacta profundamente a vida dos envolvidos, inclusive sua mobilidade. A facção, enquanto uma ideia, transcende os limites físicos da favela e circula em músicas, filmes, livros, reportagens e até na literatura acadêmica. Como observa Biondi (2014), “o movimento⁷ não é outra coisa senão uma composição de movimentos” (p. 37), sugerindo que o tráfico de drogas/a facção são um ente em constante fluxo, que se manifesta de diferentes maneiras e em espaços diversos.

Farias (2008) destaca que, para traficantes e moradores de favelas, existem fronteiras invisíveis que demarcam o território ocupado por cada facção. Saber localizar essas fronteiras e estar atualizado sobre as mudanças no controle das facções são elementos cruciais para organizar a rotina e garantir a segurança. Essa (i)mobilidade impacta profundamente a vida dos indivíduos, a ponto de afastar famílias que moram em territórios dominados por facções rivais. Lucas relata que, se seu irmão se juntasse a uma facção rival, como o Terceiro Comando Puro

7 Movimento é um dos termos popularmente usado para nomear o tráfico de drogas.

(TCP), ele seria obrigado a enfrentá-lo, mesmo que isso significasse tirar sua vida. Essa lealdade à facção sobrepõe-se até mesmo aos laços familiares, evidenciando como as relações interpessoais são afetadas pelo pertencimento a esses grupos.

As facções impõem um conjunto de regras e símbolos que regulam a vida dos jovens, desde as marcas de roupas que podem usar até as gírias e tatuagens que carregam. Durante os anos 2000, por exemplo, no Rio de Janeiro, a grife Adidas era associada ao Terceiro Comando Puro (TCP) por conta das três listras que representam a marca, enquanto o Comando Vermelho era associado à Nike, cujo símbolo lembra a letra “C” de “Comando”.

Compreendemos que a rotina, o cotidiano e as características subjetivas de um indivíduo influenciam diretamente sua circulação pela cidade, independentemente de sua participação no mercado de drogas ilícitas. No entanto, quando há uma aproximação com o mundo do crime, essa dinâmica se intensifica. A relação próxima com uma facção impacta profundamente a organização da rotina de um indivíduo e, conseqüentemente, seus padrões de deslocamento. A partir dessa vinculação, novas escolhas precisam ser feitas, como frequentar apenas favelas dominadas pelo mesmo grupo ou identificar áreas estratégicas do morro que podem ou não ser acessadas em situações de conflito.

Nesse sentido, a dedicação e a lealdade à facção são elementos fundamentais. Esse processo ocorre em meio a episódios de demarcação territorial, nos quais a possibilidade de circular livremente por ruas, avenidas, bairros e cidades é drasticamente reduzida devido a uma identidade frequentemente atribuída a esses indivíduos simplesmente por residirem em uma área controlada por uma facção específica (Garcia; Gil, 2021). Como resultado, determinados espaços tornam-se inacessíveis para aqueles associados a facções rivais. Essa restrição também reflete aspectos cotidianos, como a forma de se vestir, os artistas musicais que escutam, as marcas de roupas que utilizam e até as gírias que falam.

Marcos, por exemplo, via sua mobilidade significativamente limitada ao precisar acordar às 5h da manhã diariamente para monitorar possíveis operações policiais no Santa Marta. Essa rotina exigia que ele buscasse alternativas para conciliar trabalho e vida pessoal, como contratar um “fiel” para cobrir seu turno na boca de fumo, permitindo que ele retornasse à casa para cuidar de necessidades básicas. Lucas, por sua vez, relata que as escalas de plantão no tráfico o limitavam a “viver só aquilo ali”, sem tempo suficiente para experiências além do trabalho no crime.

Além de não poderem se expor publicamente por praticarem atividades ilegais, a maioria dos traficantes do varejo de drogas são moradores de favelas, homens

pobres e majoritariamente negros. Eles enfrentam um duplo estigma: são criminalizados tanto por sua atuação no tráfico quanto por sua condição social e racial. Muitas vezes, mesmo antes de ingressarem no varejo de drogas, já são vistos pela sociedade como “potencialmente perigosos”, o que dificulta ainda mais sua livre circulação pelo espaço urbano e restringe seu direito à mobilidade.

ENTRE O TRABALHO NO CRIME E O LAZER

Lucas me contou que, quando atuava como “vapor”, entrava no plantão às 20h e só saía às 20h do dia seguinte. Como passava 24 horas trabalhando, chegava em casa exausto, sem disposição para sair e se divertir. Seu tempo livre era dedicado ao sono e, ao acordar, precisava retornar imediatamente à boca de fumo. Essa rotina intensa aumentou seu convívio com outros traficantes, fazendo com que seus momentos de lazer fossem compartilhados com os colegas de trabalho, já que havia pouco tempo livre. Quando assumiu o cargo de gerente na Ladeira dos Tabajaras, a rotina tornou-se mais flexível, mas a demanda de trabalho continuava alta. Ele passou a fazer plantões de três dias consecutivos, ficando sem ir para casa durante esse período e, em troca, ganhava o mesmo dias de folga. Durante os dias livres, seu destino era a Rocinha, onde frequentava bailes, bares e encontrava amigos. Como a Rocinha também é dominada pelo Comando Vermelho e está localizada em São Conrado, bairro próximo à Copacabana, o deslocamento entre os dois locais era facilitado.

Cabe enfatizar que as favelas cariocas não são apenas espaços de mobilidade restrita e fronteiras bem definidas - seja pelo Estado ou por grupos armados -, mas também ambientes dinâmicos e diversificados. Assim, mesmo evitando sair do morro para se divertir, Lucas e Marcos organizam seus próprios fluxos dentro dos territórios onde vivem, criando espaços de entretenimento e lazer. Talvez o termo “territórios ambivalentes” seja adequado para descrever esses espaços favelados, que funcionam como “territórios-entre” ou “transterritórios”, permitindo o trânsito entre diferentes territorialidades - do Estado e do não-Estado, do legal e do ilegal, do dentro e do fora. Como afirma Haesbaert (2015, p. 86), “a favela, em síntese, é muito mais um território da mobilidade e de sobreposições de limites do que da imobilidade e das delimitações claras”.

A relevância desse tema ficou evidente quando Lucas me contou que, em um ano, sai no máximo quatro vezes da Ladeira dos Tabajaras. Nessas ocasiões, vai à praia, a festas em outras favelas ou, em datas comemorativas, visita familiares que moram em locais distantes. No entanto, ele conhece traficantes que vivem na Ladeira dos Tabajaras há trinta anos e nunca foram à praia, mesmo que o morro

esteja a apenas 1,5 km da praia de Copacabana. Para Lucas, “a mente deles está formada no ritmo do crime” e, embora possam sair, preferem permanecer na favela, onde consideram que seja um espaço seguro.

É interessante notar que, nos relatos de Lucas e Marcos, o medo de ser preso é um dos principais motivos para evitar sair da favela. Entre os dois, apenas Lucas já passou pelo sistema carcerário, onde ficou por quatro anos. Mesmo assim, ele afirma que, no crime, “tu vive uma cadeia”. Há uma sensação de cerceamento da liberdade, ainda que simbólico, e ultrapassar essa barreira significa se expor ao risco. Por isso, existem limites espaciais que precisam ser respeitados. Um movimento semelhante ocorreu com Marcos, que decidiu parar de assaltar na rua por considerar que trabalhar no tráfico, dentro do Santa Marta, era mais seguro e envolvia menos riscos. No que diz respeito ao lazer, Lucas relatou que na maior parte de sua rotina precisava estar na “atividade”, monitorando se a polícia ou algum grupo rival está prestes a atacar. Somente nos finais de semana conseguia ir a bailes ou fazer outras atividades para se divertir. Ele ressalta que a rotina de quem trabalha no crime envolve muitas responsabilidades e o lazer é a menor delas. Como ele mesmo relata:

O crime não é pra qualquer um. Nós do crime temos esse ditado: ‘pô, mano, o crime é pra quem nasceu pra ser do crime’, tá ligado? Não é pra quem quer ser criminoso. Não adianta tu querer ser e não ter poder pra ser. Poder é o quê? Ter capacidade, trocar tiro, matar os outros, tem que fazer as coisas que tem que fazer. Muita gente quer ser bandido só sexta e sábado, tá ligado? Quer baile funk, mas no dia a dia não quer. Quando a polícia vier, vier BOPE, vier matando, esculachando a família, entrando na casa do morador, aí ninguém quer ser bandido. (Trecho retirado de entrevista com Lucas, 2022)

Copacabana

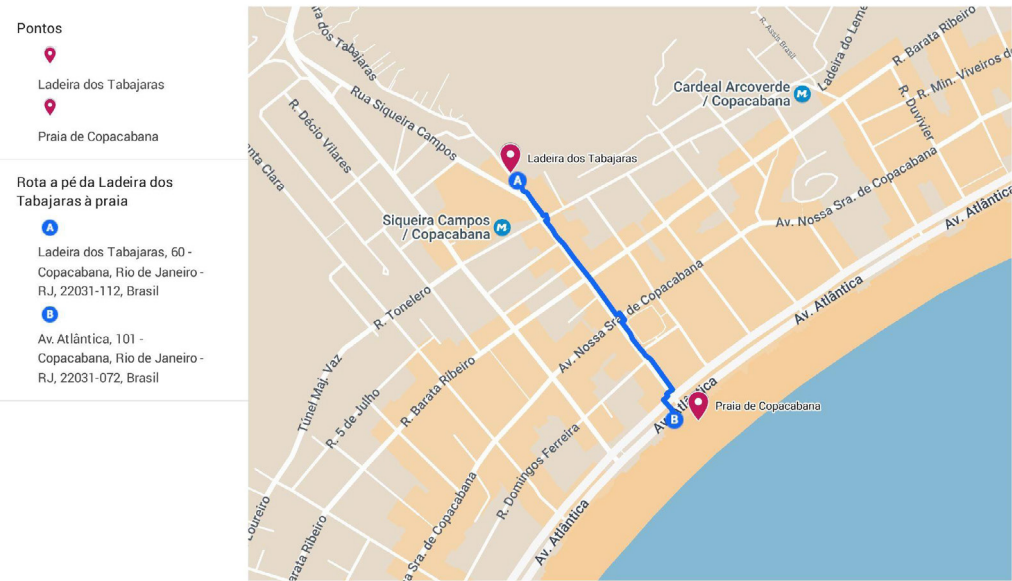


Imagem 1. Distância entre a Ladeira dos Tabajaras e a Praia de Copacabana. Fonte: Elaboração própria, 2025.

Lucas também mencionou que frequentemente policiais vão disfarçados na boca de fumo, o que faz com que a polícia saiba quem são os traficantes. Por isso, eles não podem ficar fora da favela “panguando”, pois, caso sejam detidos, podem ser presos e serão considerados “bobões” no presídio, por terem “rodado” na rua e terem sido detidos por um erro cometido por eles mesmos. Segundo Lucas, isso pode resultar em perda de pagamento ou outros benefícios que a facção poderia proporcionar no sistema carcerário. Apesar dessas restrições, ele acredita que é possível se divertir mesmo sem sair da favela. Os traficantes constroem suas próprias casas, churrasqueiras, andam de moto pelo morro e dirigem carros roubados. Também frequentam bailes funk e organizam shows com cantores famosos de sua preferência. No entanto, eles estão sujeitos a baixos salários, a uma carga horária fixa e a um compromisso rígido com a boca de fumo, assemelhando-se mais à classe trabalhadora do que à imagem de um “novo rico” favelado que usufrui de luxo e ostentação (Lyra, 2020).

Atualmente, o lazer não é mais visto apenas como um apêndice do mundo do trabalho, nem mesmo como algo estritamente relacionado a ele. Trabalhar, nos tempos atuais, é uma necessidade, mas não necessariamente uma realização pessoal (Magnani, 1994). Theodor W. Adorno, seguindo essa linha de pensamento, argumenta que as atividades realizadas fora do horário de trabalho não estão em completa oposição a ele, mas ainda assim, “em um sistema, no qual o pleno emprego

tornou-se um ideal em si mesmo, o tempo livre segue diretamente o trabalho como sua sombra.” (1995, p. 79). Diante disso, considerando que o lazer está intrinsecamente ligado à experiência de viver a cidade, entendo que ele também pode estar associado às vivências de mobilidade.

Lucas menciona que as desavenças geradas por seu trabalho no crime são uma das razões para evitar sair da favela. Além do medo de ser detido pela polícia ou de encontrar integrantes de facções rivais, as inimizades criadas na “pista” também restringem seus deslocamentos. Quando clientes da boca de fumo “vacilam” ou acumulam dívidas, é necessário cobrar e, em alguns casos, matar, dependendo da gravidade da situação. Em outros momentos, também é preciso brigar ou expulsar moradores da favela, que acabam se mudando para outras regiões. Por isso, ao sair na rua, há o risco de encontrar conhecidos com quem teve desentendimentos no passado, o que pode ser bastante perigoso.

Às vezes tem uns que vêm na boca, vacilam, usam droga, vacilam, aí nós temos que cobrar, tem que matar os outros, tá ligado? Tem que fazer as coisas que o crime exige. Às vezes você bate, expulsa uma pessoa da favela, e ela vai morar ali embaixo, na pista. Se ela te vir, ela vai te matar. Pô, cara, você toma a casa da pessoa, bate nela, mas não foi porque você quis, foi porque o teu chefe mandou. Mas aí ela não vai entender que foi o chefe que mandou. (Trecho retirado de entrevista com Lucas, 2022)

Marcos, por sua vez, relatou que, durante o período em que esteve inserido no varejo de drogas, suas experiências de mobilidade pela cidade eram praticamente inexistentes, já que raramente saía da favela. Eventualmente, quando saía do Santa Marta, ia à praia, ao shopping ou a bailes em outras favelas controladas pelo Comando Vermelho. No entanto, preferia evitar esses deslocamentos, pois se sentia constantemente monitorado fora do morro, mesmo que as pessoas não soubessem quem ele era. Assim, suas tentativas de lazer e relaxamento muitas vezes se transformavam em momentos de ansiedade, já que ele estava sempre preocupado com a possibilidade de ser perseguido ou preso.

Ele também destacou que, devido às suas responsabilidades no crime, que exigiam muitas tarefas diárias, não era possível sair com frequência, já que precisava estar sempre presente no trabalho. Mesmo assim, nas poucas ocasiões em que decidia sair, preferia estar em grupo ou acompanhado de outra pessoa, nunca sozinho. Essa escolha estava diretamente relacionada ao medo que sentia, já que,

embora as pessoas na rua nem sempre soubessem quem ele era, ele próprio sabia que “estava no erro” e temia ser observado e denunciado à polícia.

Na cabeça das pessoas do mundo, elas olham pra mim e às vezes nem sabem quem eu era. Mas na minha cabeça eu sei quem eu sou. Porque quem tá errado carrega o erro pra onde vai, né? [...] Eu estava errado. Eu sabia que fazia algo errado. Então, quando eu saía, ficava naquela: será que tem alguém me olhando, me observando? Será que alguém vai chamar a polícia? Será que tem algum policial me seguindo? Será que eu vou ser preso? Entendeu? Ficava naquela. Então, eu ia pra rua tentar ter um momento de relaxamento, de lazer, mas ao mesmo tempo não conseguia. Às vezes eu me sentia menos despreocupado na favela porque todo mundo já me conhecia, e ali era como se fosse meu ambiente seguro, mas na rua eu não me sentia assim. (Trecho retirado de entrevista com Marcos)

Durante esse período, seus familiares mais próximos eram seus pais, mas as visitas a eles, que moravam na Zona Norte da cidade, ocorriam apenas em datas comemorativas, como o Dia das Mães ou aniversários. Seu círculo de amizades estava centralizado na favela, o que reduzia a necessidade de sair do morro para manter suas relações interpessoais. Ainda assim, Marcos se sentia observado e com medo nos poucos momentos que circulava na rua.

Saía com medo, saía com o pé atrás, como eu falei pra você. No meu mundo, na minha cabeça, era como se tivesse pessoas me observando. [...] Não tinha, na verdade, entendeu? É porque, como eu estava vivendo uma vida errada, como eu estava andando no erro e vivia aquele erro todo dia, então, pra mim, quando eu saía da comunidade, o erro ia junto comigo. Por isso, eu me sentia assim. (Trecho retirado de entrevista com Marcos, 2023)

Nas poucas vezes em que saía para ir à praia, por exemplo, era preciso escolher um local próximo a favelas controladas pelo Comando Vermelho, para evitar possíveis conflitos. Seu grupo evitava ir à praia do Leme, mesmo que fosse próxima ao Santa Marta, pois a favela mais próxima dali, o Chapéu Mangueira, é dominada pelo Terceiro Comando Puro.

Na pesquisa realizada por Willadino, Nascimento e Silva (2018), que investigou o perfil e as práticas de adolescentes envolvidos com o comércio de drogas ilegais no Rio de Janeiro, foram coletados dados sobre redes sociais e lazer. O baile funk foi apontado como a principal forma de lazer, por 52,5% dos adoles-

centes entrevistados. Outras atividades mencionadas incluíam namorar (26,1%), ir à praia (22,6%), praticar esportes (16,1%) e socializar com os amigos (13,4%). Os entrevistados também relataram que as atividades de lazer são realizadas predominantemente em grupo (26,8%), na companhia da namorada (24,1%) ou com familiares (21,8%). Além disso, quando questionados sobre onde costumam se divertir, 66,3% dos adolescentes informaram que saem apenas pela própria favela. Embora alguns tenham mencionado outros lugares e bairros, os autores observaram que a mobilidade espacial é comumente restringida por diversos fatores, principalmente pelo medo de ser preso.

POSSIBILIDADES DE CIRCULAÇÃO PÓS-CRIME

Na data da entrevista com Lucas, ele estava há apenas um mês fora do sistema prisional, motivo pelo qual decidiu abandonar as atividades no tráfico de drogas.⁸ Ele relatou que, nesse período, sua mobilidade pela cidade aumentou, embora ainda existam limitações em sua circulação. Ele pode frequentar novos lugares, mas deve evitar áreas controladas por facções rivais, devido aos conflitos em que se envolveu no passado. Apesar disso, consegue ir às praias, boates e à igreja⁹. Isso demonstra como, mesmo após romper com o crime, seu passado ainda influencia seus movimentos pela cidade, já que precisa escolher cuidadosamente os lugares que pode ou não frequentar.

Lucas é um homem negro e egresso do sistema prisional, o que o torna um alvo constante da polícia quando está na rua. Para Misse, pessoas como ele são “sujeitos criminais produzidos pela interpelação da polícia, da moralidade pública e das leis penais” (2010, p. 17). Dessa forma, mesmo que suas possibilidades de circulação tenham aumentado após deixar o crime, seu corpo negro e suas características físicas o tornam vítima da sujeição criminal, dificultando seu trânsito por diversos espaços. Ele relatou, por exemplo, que se entrasse em territórios controlados por milícias com seu estilo de cabelo, seria morto imediatamente. Segundo Lucas, os milicianos associam seu tipo de corte e tintura de cabelo a “bandidos”.

Teixeira (2015) argumenta que a expressão “sair do crime” vai além de simplesmente descrever o abandono de atividades consideradas criminosas. No contexto do Rio de Janeiro, esse termo pressupõe a existência de limites que delineiam espaços sociais, como moralidades, estilos de vida e maneiras de ser e estar no

⁸ Lucas ingressou no comércio varejista de drogas em 2014 e saiu em 2022.

⁹ É importante ressaltar que, embora ele tenha mencionado a possibilidade de frequentar igrejas, não afirmou ter se convertido religiosamente, e a religião não parece desempenhar um papel central em sua vida.

mundo. A crença em uma “vida do crime” e uma “vida normal” é construída de diversas formas por diferentes coletividades, como traficantes, policiais, igrejas e ONGs, que frequentemente utilizam essa expressão para descrever as relações sociais que se desenvolvem no contexto da violência urbana carioca.

No caso de Marcos, devido às restrições de mobilidade que enfrentava, gradativamente ele decidiu se afastar do mundo do crime. Ele relatou que se sentia desprotegido devido às situações de perigo que vivenciava e, por isso, decidiu se converter religiosamente, passando a frequentar grupos de oração e pedir que orassem por ele nas igrejas do morro. Como bem aponta Teixeira (2015), as fronteiras entre a “vida do crime” e a “vira fora do crime”, no contexto das igrejas evangélicas, é marcada pela ideia de que o mundo do crime corresponde ao mundo dos pecados. Assim, optar pela conversão implica em uma reforma moral, na qual o convertido deve rejeitar uma vida de pecados e adotar um novo modo de viver, considerado digno e puro. Há um “controle” sobre o indivíduo convertido para que ele não volte a frequentar bailes, bocas de fumo, andar com outros criminosos ou usar palavrões e gírias. Pequenos deslizes, como parar em um bar com amigos, podem ser interpretados não apenas como um desvio momentâneo, mas como um sinal de que o sujeito não mudou e “continua sendo um bandido”.

É interessante refletir sobre o simbolismo da mobilidade, pois o primeiro movimento de Marcos, ao deixar o crime, foi também sair da favela onde morava e ir residir em outro bairro. Por muitos anos, mesmo que por escolha, sua possibilidade de se locomover por outros espaços foi limitada. Quando se desvinculou do tráfico, essa se tornou sua primeira alternativa. Vale ressaltar que Marcos é um homem branco, o que facilita sua movimentação pela cidade fora dos estereótipos associados à figura do criminoso. A relação de proximidade e proteção com a igreja também é facilitadora. Essas condições não se aplicam a Lucas, que ainda enfrenta certas restrições.

Pô, e o metrô então. Quando eu... Quando eu tinha saído do tráfico, né? E comecei a pegar o metrô. Aí o metrô tem hora que fica cheio, né? Pô, eu ficava nervoso pra caramba. Ficava com vontade de empurrar as pessoas assim. [...] Porque eu não tinha costume nenhum. E aí, imagina só. Tu sem costume, com aquela parada na cabeça. Tu ia achando que as pessoas estavam te olhando, estavam te vigiando. Ainda mais que as pessoas ficam com o telefone assim, né? [...] Ficam com o telefone assim. “Ih, ó, tá gravando. Tá gravando.” Não sabe se tá tirando foto, né? Ficava aquela coisa na cabeça. Mas hoje em dia já... [...] Já tô acostumado. Não tenho mais essa parte. (Trecho retirado de entrevista com Marcos, 2023)

Após deixar o tráfico¹⁰, Marcos conheceu novos lugares na cidade e sua mobilidade aumentou. Enquanto trabalhava na boca de fumo, ele não utilizava transporte público e, por isso, não conhecia muitas partes do Rio de Janeiro. No entanto, ele relatou que, “depois que começou a caminhar na igreja”, passou a explorar outras áreas, como a Zona Oeste, que ainda não conhecia. Ele trabalhou por seis meses como corretor de imóveis em Campo Grande, bairro da região, e, com isso, teve a oportunidade de andar de trem pela primeira vez. Também conheceu outros lugares, como Madureira, Barra da Tijuca e Niterói. Ele ainda experimentou andar de metrô, mas mesmo distante do crime, sentia-se monitorado e achava que as pessoas poderiam estar gravando vídeos dele com seus celulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou explorar as relações entre mobilidade, crime e identidade a partir das trajetórias de Lucas e Marcos, dois jovens que ingressaram no comércio varejista de drogas durante a adolescência. Observamos como a participação no crime molda não apenas suas rotinas, mas também suas identidades e possibilidades de lazer. Um dos principais achados desta pesquisa é que a mobilidade não se limita ao deslocamento físico, mas envolve também outros fluxos simbólicos, como a ascensão na hierarquia do tráfico e a construção de uma identidade vinculada ao crime.

A facção, enquanto entidade organizadora da vida no crime, desempenha um papel central na regulação da mobilidade. O pertencimento a uma facção, além de restringir a circulação física, impõe regras invisíveis que afetam o cotidiano dos jovens, desde o modo de se vestir até as palavras ou gestos que podem ou não usar. Isso evidencia como o crime não é apenas uma atividade econômica, mas também faz parte da construção de identidades. A saída do crime, por sua vez, trouxe novos desafios para Lucas e Marcos. Enquanto Marcos, um homem branco, buscou na conversão religiosa uma possibilidade para ampliar sua mobilidade e modificar sua vida, Lucas, um homem negro e egresso do sistema prisional, continuou a enfrentar limitações em razão do estigma social e racial.

A partir dos relatos, observamos como o lazer é também um tema central para compreender as dinâmicas de mobilidade no crime. Enquanto atuavam no tráfico, Lucas e Marcos tinham suas possibilidades de lazer limitadas pelo receio da prisão ou de conflitos com grupos rivais. Assim, embora a favela fosse um espaço de confinamento, se tornou também um local de entretenimento, com bailes

10 Marcos ingressou no comércio varejista de drogas em 2015 e saiu em 2020.

funk e interações sociais. Após deixarem o crime, o lazer passou a ser associado com a perspectiva de conhecer novos locais na cidade, ainda que atravessado pelos antigos receios. Em resumo, este artigo demonstra como a mobilidade no contexto do mercado ilegal de drogas é multifacetada e envolve aspectos físicos, simbólicos e identitários.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Tempo livre. In: ADORNO, T. W. Palavras e sinais, modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel, supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995. In: Jorge M. B. de ALMEIDA (Org.). Indústria cultural e sociedade. Tradução de Julia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALVES, J. D. G.; D'ANTONA, A. O.; MARANDOLA JUNIOR, E. J. Quão móveis somos? O new mobilities paradigm em questão. Caderno de Geografia. Belo Horizonte, v. 30, n. 62, 2020.
- AQUINO, J. P. D.; HIRATA, D. Inserções etnográficas ao universo do crime: algumas considerações sobre pesquisas realizadas no Brasil entre 2000 e 2017. BIB. São Paulo, n. 84, 2018.
- BIONDI, K. Etnografia no movimento: território, hierarquia e lei no PCC. (Tese de doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- CARVALHO, M. B.; ROCHA, L. M.; MOTTA, J. W. B. Milícias, facções e precariedade: um estudo comparativo sobre as condições de vida nos territórios periféricos do Rio de Janeiro frente ao controle de grupos armados. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2023.
- CAVALCANTI, M. Tiroteios, legibilidade e espaço urbano: Notas etnográficas de uma favela carioca. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008.
- DAMICO, J. G.; MAYER, D. E. Constituição de Masculinidades Juvenis em “contextos difíceis”: vivências de jovens nas periferias da França. Cadernos Pagu. Porto Alegre, v. 34, 2018.
- DOWDNEY, L. Crianças do tráfico: um estudo de caso sobre crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
- FARIAS, J. Da asfixia: reflexões sobre a atuação do tráfico de drogas nas favelas cariocas. In: MACHADO DA SILVA, L. A. Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- GARCIA, J.; GIL, K. Jovens em perigo ou perigosos? Sobre identidades construídas e forjadas. Lutas Sociais. São Paulo, v. 25, n. 46, 2021.

- GRILLO, C. C. Coisas da vida no crime: Tráfico e roubo em favelas cariocas. (Tese de doutorado em Sociologia e Antropologia). UFRJ: Rio de Janeiro, 2013.
- GRILLO, C. C.; MARTINS, L. A. Indo até o problema: Roubo e circulação na cidade do Rio de Janeiro. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 565-590, set./dez. 2020.
- HAESBAERT, R. Sobre as i-mobilidades do nosso tempo (e das nossas cidades). *Mercator. Fortaleza*, v. 14, n. 4, 2015.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEITE, M. P. Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. *Rev. bras. segur. pública*. São Paulo, v. 6, n. 2, 2012.
- LYRA, D. Operários da firma. *Revista Antropolítica*. Niterói, n. 50, 3. quadri., p. 90-115, 2020.
- MACHADO DA SILVA, L. A. (org.). Vida sob cerco: violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MACHADO DA SILVA, L. A.; LEITE, M. P. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas. In: MACHADO DA SILVA, L. A. (org.). Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FAPERJ/Nova Fronteira, 2008.
- MACHADO DA SILVA, L. A.; MENEZES, P. V. (Des)continuidades na experiência de “vida sob cerco” e na “sociabilidade violenta”. *Novos Estud. – CEBRAP*. São Paulo, v. 38, n. 3, 2019.
- MAGNANI, J. G. C. O lazer na cidade. Texto apresentado ao Condephaat para fundamentar o processo de tombamento do Parque do Povo. São Paulo, 1994.
- MISSE, M. Malandros, marginais, vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. 1999. 413. Doutorado em Sociologia. Instituto Universitário de Pesquisas no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- MISSE, M. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, [S.L.], n. 79, p. 15-38, 2010.
- PINTO, S. C. L. O novo paradigma epistemológico das mobilidades na dicotomia entre espaço público e espaço privado. *Revista Húmus*. Porto Alegre, v. 10, n. 29, 2020.
- SHELLER, M. Mobility justice: The politics of movement in the age of extremes. London: Verso, 2018.
- SILVA, J. S. et al. Um olhar possível sobre o conceito de mobilidade e os casos da favela da Maré e do Complexo do Alemão. In: BALBIM, R.; KRAUSE, C.; LINKE, C. C. Cidade

e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano. Brasília: Ipea: ITDP, 2016.

TEIXEIRA, C. “Saindo do crime”: igrejas pentecostais, ONGs e os significados da “ressocialização”. In: MACHADO, C.; LEITE, M. P .; BIRMAN, P .; CARNEIRO, S. S. (org.). Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistências. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2015.

URRY, J. *Mobilities*. Cambridge: Polity Press, 2007.

WILLADINO, R.; NASCIMENTO, R. C.; SILVA, J. S. Novas configurações das redes criminosas após a implantação das UPPs. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2018.